

# Lição 8. O problema do mal e do sofrimento

Como a fé cristã enfrenta a dor com honestidade, esperança e a presença de um Deus que sofreu

*“O problema do sofrimento existe em dois níveis que precisam ser separados: o filosófico, que pergunta por que um Deus bom permite o mal, e o existencial, que pergunta como confiar nesse Deus quando a dor é a nossa. Ambos têm resposta, mas a resposta para um não serve para o outro.”*

**C. S. LEWIS**



**A pergunta da aula:** que esperança a fé cristã oferece quando o sofrimento é real, intenso e muitas vezes parece injusto?

**A resposta em 30 segundos:** o problema do mal tem uma dimensão lógica e uma dimensão existencial. A fé cristã responde às duas: mostra que Deus e o mal não são logicamente incompatíveis, e afirma que Deus entrou no sofrimento humano pela cruz e prometeu redenção pela ressurreição.

**Guarde esta ideia:** o cristianismo não responde à dor apenas com teoria, mas com presença, cruz e esperança.

## NESTA LIÇÃO VOCÊ VAI PASSAR POR QUATRO PISTAS:

01

### Lógica:

o livre-arbítrio ajuda a pensar a dor sem contradição.

02

### Cruz:

Deus se aproxima da dor humana em Cristo.

03

### Esperança:

a ressurreição promete que o mal não terá a última palavra.

04

### Moralidade:

a própria indignação contra o mal pressupõe um padrão real de bem.

## Antes de começar

O sofrimento não é um tema distante. Ele aparece no pronto-socorro, no diagnóstico de câncer, no luto de uma família, no noticiário depois de um desastre e nas perguntas silenciosas que às vezes carregamos sozinhos.

Por isso, a pergunta sobre Deus e o sofrimento não é apenas um exercício de sala de aula. É, talvez, uma das perguntas mais antigas que os seres humanos fazem a Deus: se Deus é bom e poderoso, por que existe dor?

Ao mesmo tempo, é uma pergunta que, examinada com honestidade, pode revelar muito. Sobre Deus. Sobre o que esperamos. E sobre o que o cristianismo oferece de modo único: não uma explicação fria, mas uma esperança enraizada na cruz e na ressurreição.

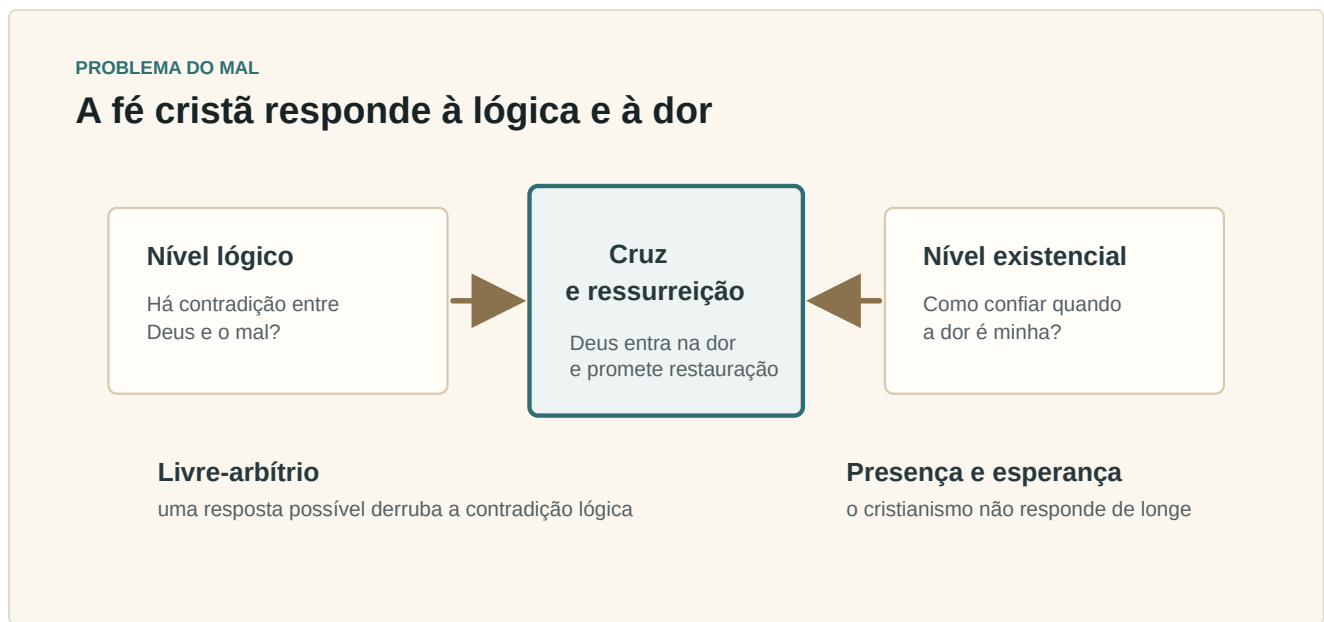
**Pare e pense:** quando você está diante de alguém que sofre, o que essa pessoa mais precisa no primeiro momento: de uma explicação lógica ou de uma presença acolhedora?

## O que está em jogo

O problema do mal é uma das grandes perguntas humanas. Ele aparece desde a filosofia antiga e foi formulado com força por J. L. Mackie em 1955 (MACKIE, 1955). Na universidade, ele costuma aparecer como argumento: se Deus é bom e poderoso, por que existe sofrimento?

Antes de responder, é preciso separar duas perguntas. A primeira diz: Deus e o mal são logicamente incompatíveis. A segunda diz: mesmo que não haja contradição lógica, tanto

sofrimento parece difícil de conciliar com um Deus bom. São desafios diferentes, e a resposta de um não serve para o outro.



## Pista 1: Pensando com clareza

### A resposta do livre-arbítrio

Plantinga mostrou que não há contradição lógica entre Deus e o mal. Um Deus poderoso poderia criar seres programados para sempre agir corretamente, como robôs morais. Mas para criar seres com a capacidade de amar e obedecer voluntariamente no início de sua jornada, a possibilidade de recusar o bem precisava ser real. **Para que a escolha pelo bem seja genuína e não uma imposição mecânica, a alternativa de escolher o mal precisa existir na partida.**

Plantinga não precisou provar que o livre-arbítrio explica todo sofrimento. Ele só precisava mostrar que há uma razão possível e coerente para Deus permitir a possibilidade do mal na criação. Com isso, a resposta cristã se mostra logicamente consistente (PLANTINGA, 1974).



**Ideia-chave:** liberdade real torna possível amor real, mas também torna possível a recusa do bem.

## Pista 2: Um Deus que se aproxima

É nesse ponto que o cristianismo oferece algo que nenhuma outra religião ou filosofia alcança.

Muitas visões respondem ao sofrimento com explicações. O cristianismo faz algo diferente: afirma que Deus entrou no sofrimento. Na cruz, o Criador passou por abandono, traição, tortura e morte. Ele não observou a dor humana de longe; viveu por dentro.

Isso não elimina toda pergunta intelectual. **Mas muda a pergunta emocional.** A cruz mostra que Deus se aproxima da dor humana, e que a última palavra não pertence ao mal (WRIGHT, 2006).

A resposta cristã não para na cruz. A ressurreição mostra que Deus não apenas compartilha a dor, mas é capaz de revertê-la. O cristianismo oferece mais que consolo: oferece redenção. Como demonstrado na **Lição 5**, a ressurreição não é um mito ou uma metáfora vaga, mas um evento histórico concreto e investigável que reverte a tragédia humana e garante a vitória sobre o sofrimento e a morte.

A Bíblia não esconde o sofrimento nem finge que ele é simples. O livro de Jó termina não com uma teoria, mas com um encontro. A resposta de Deus a Jó é presença. Esse padrão combina com a cruz e a ressurreição: Deus responde ao sofrimento de dentro e promete transformá-lo ao final.

### RESPOSTA CRISTÃ AO SOFRIMENTO

## Deus não responde à dor apenas de fora

A cruz e a ressurreição mudam a pergunta: Deus entrou na história ferida e promete redimi-la.



O cristianismo não oferece só consolo: oferece presença, vitória e esperança.

**Se você só lembrar de uma frase:** Deus não explicou o sofrimento de longe; em Cristo, ele entrou nele.

## Pista 3: Perspectiva, proporção e esperança

Depois da pergunta lógica, ainda resta a pergunta existencial: a quantidade e intensidade do mal parece difícil de conciliar com um Deus bom. Um terremoto que mata trinta mil pessoas parece gratuito.

Primeiro: nossa perspectiva é limitada. Não enxergar uma razão não prova que ela não exista. **Pense em um pai que leva o filho pequeno ao posto de saúde para tomar uma vacina. Para a criança, aquela picada dolorosa parece uma agressão injustificável de quem ela mais ama. Ela chora porque sua perspectiva é limitada ao momento da dor; ela não consegue entender o conceito de prevenção de doenças. Da mesma forma, nossa visão diante de Deus é parcial e finita.** A história humana tem casos em que situações dolorosas produziram bens reais: compaixão, coragem, solidariedade, caráter. Isso não torna a dor boa em si mesma, mas lembra que nossa visão é parcial.

Segundo: Timothy Keller observa que, sob a perspectiva de um Deus eterno, a proporção entre o sofrimento temporário deste mundo e a glória da vida eterna é infinitamente desproporcional. O apóstolo Paulo expressou essa mesma realidade em sua carta aos Romanos: “Considero que os nossos sofrimentos atuais não podem ser comparados com a glória que em nós será revelada” (Romanos 8.18, NVI). Desse modo, um sofrimento intenso, mas finito, quando contrastado com a imensidão de uma eternidade de amor e restauração plena, revela-se como algo passageiro que não se compara à glória futura que nos aguarda (KELLER, 2013).

Terceiro: o sofrimento observado não é o fim da história. A promessa cristã de redenção significa que nosso quadro está incompleto. Julgar o sofrimento sem levar em conta a vida eterna é como julgar um livro pelo capítulo mais escuro, sem conhecer o final.

## Pista 4: O mal aponta para o bem

Há um ponto que raramente aparece: quando reconhecemos o mal como injustiça real, estamos também reconhecendo que existe um bem real.

Para dizer que algo é *realmente* mau, não apenas desagradável, precisamos de um padrão moral real. Uma criança morrendo de fome não é só um fato biológico: é uma *injustiça*. E injustiça só faz sentido se existe um bem real que foi violado.

William Lane Craig aponta que, num universo sem Deus, a frase “o sofrimento de crianças inocentes é errado” perde fundamento objetivo e vira preferência pessoal ou cultural (CRAIG, 2008). O ateísmo protesta contra o mal usando uma linguagem moral que combina melhor com um universo criado por Deus. Por isso, a objeção do mal não é tão simples contra a fé cristã quanto parece: ela depende de um padrão de bem que o naturalismo tem dificuldade de fundamentar.

Lewis reconheceu isso antes de se tornar cristão: ele usava o mal do mundo como argumento contra Deus, e então percebeu que, ao fazê-lo, estava assumindo padrões reais de certo e errado, o que já pressupunha o tipo de ordem moral que só faz sentido no teísmo (LEWIS, 2017). **O argumento que ele pensava ser contra Deus era, na verdade, uma evidência a favor.**

Além disso, rejeitar Deus por causa do mal coloca o cético em um dilema ainda maior. Sem Deus, o sofrimento humano perde qualquer significado objetivo. Sob a ótica materialista, a dor é apenas um acidente biológico em um universo que, nas palavras de Richard Dawkins, não possui “nenhum propósito, nenhum mal, nenhum bem, nada além de uma indiferença implacável” (DAWKINS, 1995). O ateísmo não resolve o problema do sofrimento; ele apenas retira qualquer esperança de justiça ou consolo final.



## Objeções comuns

### Objeção 1: “E o sofrimento natural? Terremotos e doenças não fazem escolhas.”

Essa é uma pergunta importante. A resposta cristã costuma seguir três caminhos.

Primeira: um mundo com leis naturais regulares é condição necessária para que agentes livres naveguem e façam escolhas com consequências reais. Num mundo onde Deus interviesse a cada momento para evitar qualquer consequência dolorosa, a liberdade humana seria ilusória.

Segunda: há virtudes reais que só surgem diante da adversidade. Essa ideia, formulada por pensadores clássicos como Irineu de Lyon e popularizada por John Hick, descreve o mundo não como um resort de férias, mas como uma “escola para a alma”. Virtudes profundas como coragem e sacrifício seriam impossíveis em um mundo onde nada pudesse dar errado (HICK, 1966). O sofrimento, nesse sentido, serve para moldar e amadurecer o nosso caráter.

Terceira: a Bíblia não apresenta o mundo atual como a criação em seu estado final. Gênesis 3 descreve uma desordem que afeta a criação, e Romanos 8 fala de uma criação que geme aguardando restauração. O ponto central é este: **o sofrimento natural não mostra como Deus planejou sua criação; mostra quanto ela ainda aguarda redenção.**

### **Objeção 2: “Mesmo com essas explicações, a dor real no mundo ainda machuca profundamente e parece esmagadora.”**

---

De fato, a fé cristã jamais nega a seriedade ou a dureza do sofrimento. O evangelho não nos pede para fingir que a dor é irrelevante; a própria Bíblia está repleta de salmos de lamento e perguntas sinceras feitas por homens de fé. O ponto crucial é que a dor, embora real, não destrói a coerência da fé cristã nem anula o amor de Deus. Pelo contrário: é justamente na dor que o Deus cristão se revela mais próximo, oferecendo não um argumento frio, mas a Sua presença consoladora na caminhada e a promessa de que a dor é temporária, mas a Sua redenção é eterna.

### **Objeção 3: “Se Deus sabe do sofrimento e pode impedi-lo, por que Ele escolhe não intervir imediatamente em todas as situações de dor?”**

---

Esta pergunta assume que, se não conhecemos um motivo imediato para Deus permitir determinada dor, esse motivo simplesmente não existe. No entanto, transformar a nossa limitação humana em uma prova contra Deus é um equívoco de perspectiva. Como um Pai sábio que enxerga o panorama completo de nossas vidas e da história, Deus muitas vezes permite desafios temporários para gerar em nós maturidade, dependência e um bem eterno que hoje não conseguimos enxergar. A ausência de intervenção visível e imediata jamais deve ser confundida com indiferença (LENNOX, 2011).

Mais importante: o cristianismo não apresenta Deus como um espectador distante. Apresenta um Deus que agiu de forma definitiva, entrando no sofrimento humano em Jesus, e que promete a redenção final de toda injustiça. A cruz não é passividade: é a intervenção de Deus por amor a nós.

### **Objeção 4: “Se no céu não haverá pecado nem mal, isso significa que lá seremos como robôs, sem livre-arbítrio real? E por que Deus não nos criou diretamente lá, poupando-nos da dor na Terra?”**

---

Essa é uma excelente questão lógica. A resposta teológica clássica é que o céu não representa a perda da liberdade, mas a sua **perfeição**.

Neste mundo, nossa liberdade é imperfeita e frequentemente escravizada por ilusões, traumas e ignorância (escolhemos o mal achando que ele nos trará algum bem). No céu, com a mente e o coração totalmente restaurados e diante da visão direta da beleza e do amor de Deus, a atração pelo mal perde completamente o sentido.

Pense em um casamento perfeitamente feliz: o cônjuge é livre para trair, mas o seu amor e a sua satisfação são tão plenos que a traição deixa de ser uma opção psicologicamente real. No céu, nosso livre-arbítrio é livre de forma definitiva: somos plenamente capazes de amar e escolher o bem porque conhecemos a realidade como ela de fato é. A ausência de pecado não é uma programação robótica forçada de fora, mas o resultado de um caráter amadurecido e plenamente satisfeito em Deus.

**Mas por que Deus simplesmente não nos criou diretamente no céu, poupando-nos de toda essa dor terrena?**

Deus, em Sua sabedoria e soberania, não planejou a história como um quadro estático, mas como um drama real de criação, resgate e vitória. Há duas razões bíblicas profundas para passarmos por este mundo antes da glória eterna:

A primeira é a diferença entre **inocência** e **amor provado**. Adão foi criado inocente no Éden, mas a nossa união eterna com Deus no céu será muito mais do que mera ingenuidade. Será uma fidelidade madura e inabalável. É no deserto deste mundo que a nossa fé é lapidada. Virtudes como esperança, perseverança, perdão e confiança em meio às lágrimas não podem existir em um lugar onde nada dá errado. Deus usa as provações terrenas para forjar em nós um caráter provado e um amor que escolhe a Ele mesmo quando tudo ao redor desmorona.

A segunda é que **o céu não é o lar de pessoas que nunca sofreram, mas de pessoas que foram resgatadas**. Se tivéssemos sido criados diretamente no céu, sem nunca conhecer a dor e o pecado, jamais saberíamos o que é a graça. Jamais conheceríamos a misericórdia. E, acima de tudo, o universo nunca testemunharia a maior demonstração de amor que existe: a cruz de Cristo.

A música dos salvos no céu é um “cântico de redenção” (Apocalipse 5.9). A adoração eterna será infinitamente mais profunda porque fomos resgatados do abismo. Em um mundo sem dor, o maior amor de Deus permaneceria oculto. A escuridão deste mundo temporário serve para destacar a glória eterna do amor de Cristo.

## Para conversar na universidade

Na universidade, o problema do mal aparece mais na conversa informal do que no debate formal. A resposta mais fiel ao evangelho raramente começa com argumentos: começa com presença e escuta. A pessoa que sofre precisa saber que sua dor é levada a sério antes de qualquer resposta intelectual.

Só depois, quando há espaço, perguntas como esta costumam abrir conversas: “O que você acha que seria necessário para que Deus respondesse ao mal de uma forma satisfatória?” A resposta mais comum é: que ele entrasse nele. O cristão pode então apontar para a cruz como exatamente essa resposta.

Para o estudante cristão que enfrenta suas próprias dúvidas diante do sofrimento, a honestidade de Lewis em *Uma dor observada* é um recurso valioso: mostrar que duvidar e questionar não é o oposto da fé. É parte do processo de uma fé que amadurece.

**Uma pergunta que abre conversa:** “O que você acha que Deus deveria fazer para responder ao mal de forma satisfatória?”

Muitas vezes, essa pergunta abre caminho para falar da cruz com respeito, cuidado e atenção à dor da outra pessoa.

## Fechando o caso

O problema do mal é uma das perguntas mais dolorosas da vida humana, e a fé cristã a encara com seriedade. Plantinga mostrou que não há contradição entre Deus e o mal. Nossa perspectiva limitada convida à humildade. E chamar algo de mal já aponta para um padrão real de bem.

## O caso cumulativo

### Livre-arbítrio:

Deus e o mal não são logicamente incompatíveis.

### Cruz:

Deus não permaneceu distante da dor.

### Ressurreição:

o sofrimento não é o fim da história.

### Moralidade:

chamar algo de mal exige um padrão real de bem.

Mas o que distingue o cristianismo não é apenas a força de seus argumentos. É que ele oferece algo profundamente consolador: um Deus que foi onde nós vamos quando sofreremos. Que experimentou abandono, dor, injustiça e morte. E que prometeu, com a ressurreição, que a última palavra não pertence ao sofrimento.

O estudante cristão não precisa memorizar cada argumento para conversar com honestidade. Precisa saber que há respostas sérias e que a fé que resiste ao sofrimento não é a fé que nunca chorou. É a fé que leva sua dor a Deus. O problema do mal é real. Mas a presença, a cruz e a promessa de Deus também são reais.

**Uma frase para guardar:** a fé cristã não nega a dor; ela a leva até a cruz e a ressurreição.

## Explore mais

- KELLER, Timothy. *Caminhando com Deus em meio à dor e ao sofrimento*. O tratamento mais completo e acessível do tema para o leitor contemporâneo.
- LEWIS, C. S. *O problema do sofrimento*. Para quem quer entender o argumento filosófico com linguagem acessível.
- LEWIS, C. S. *Uma dor observada*. Para quem enfrenta sofrimento real e quer ver um cristão intelectual ser honesto sobre a dúvida.

- WRIGHT, N. T. *O mal e a justiça de Deus*. Para quem quer a perspectiva teológica cristã sobre o mal e a redenção.
- PLANTINGA, Alvin. *Deus, a liberdade e o mal*. Para quem quer entender a resposta técnica ao problema lógico do mal.
- LENNOX, John. *Onde está Deus em um mundo com coronavírus?*. Uma resposta curta e pastoral, em português, para pensar sofrimento, fragilidade humana e esperança cristã.

Lição anterior: *Achados arqueológicos e a Bíblia: as evidências que o solo preservou*

**Próxima lição:** *Apologética imaginativa: beleza, história e desejo como pontes para Deus*

## Referências

- CRAIG, William Lane. *Reasonable Faith: Christian Truth and Apologetics*. 3. ed. Wheaton: Crossway, 2008.
- DAWKINS, Richard. *River Out of Eden: A Darwinian View of Life*. New York: Basic Books, 1995.
- HICK, John. *Evil and the God of Love*. London: Macmillan, 1966.
- KELLER, Timothy. *Walking with God through Pain and Suffering*. New York: Dutton, 2013.
- LENNOX, John. *Where Is God in a World of Suffering?* Epsom: Good Book Company, 2011.
- LEWIS, C. S. *Cristianismo puro e simples*. Tradução Gabriele Greggersen. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2017.
- LEWIS, C. S. *The Problem of Pain*. London: Geoffrey Bles, 1940.
- MACKIE, J. L. Evil and omnipotence. *Mind*, Oxford, v. 64, n. 254, p. 200-212, 1955.
- PLANTINGA, Alvin. *God, Freedom and Evil*. Grand Rapids: Eerdmans, 1974.
- WRIGHT, N. T. *Evil and the Justice of God*. Downers Grove: IVP Books, 2006.
- BÍBLIA. *Bíblia Sagrada: Nova Versão Internacional*. São Paulo: Editora Vida, 2000.